

Processos de resistência: a cerâmica do Quilombo de Conceição das Crioulas

Flávia Wanderley Pereira de Lira

*Doutoranda em Educação Artística na Universidade do Porto
Colaboradora do Instituto de Investigação em Arte Design e
Sociedade – i2ADS e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o
Imaginário - NIEI
flaviawlira@gmail.com*

José Carlos de Paiva

*Doutor em Pintura pela Universidade do Porto
Professor na Universidade do Porto
Pesquisador no Instituto de Investigação em Arte Design e
Sociedade – i2ADS
jpaiva@fba.up.pt*

Maria das Vitórias Negreiros do Amaral

*Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo – USP
Professora na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Pesquisadora no Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o
Imaginário - NIEI
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da
UFPE
vitorianegreirosamaral@gmail.com*

Resumo

Em tempos de cerceamento dos direitos garantidos em lei, desconstrução da educação, censura da arte e desvalorização da cultura pelo atual governo federal, busca-se refletir, à luz de Hannah Arendt (2001), o sentido da co-labor-ação na produção material, a partir de vivências ligadas ao fazer-viver da cerâmica na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, situada no sertão central de Pernambuco. Para tanto, a pesquisa que resulta neste artigo transita entre os movimentos de resistência relacionados à terra e ao feminino, segundo a imaginação material de Gaston Bachelard (2001), para compreender os efeitos de retroativação da co-labor-ação

Conhecer: debate entre o público e o privado

2019, Vol. 09, nº 23

ISSN 2238-0426

DOI 10.32335/2238-0426.2019.9.23.1422

Licença Creative Commons Atribuição (CC BY 4.0)

Data de submissão 28 fev 19

Data de publicação 01 ago 19

na resistência da comunidade, partindo do modo como a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas partilha seu território e movimentada suas práticas. De natureza fenomenológica e abordagem qualitativa, este artigo se fundamenta nos relatos e registros das vivências realizadas no período de julho de 2018 a junho de 2019 e nas narrativas de mestras, mestres e pessoas da localidade. Conclui-se que a ideia de co-labor-ação no fazer-viver da cerâmica do Quilombo de Conceição das Crioulas constitui um sentido de fissura na exclusão e cooptação da produção material pelo sistema hegemônico, se pensada como ação política. In times of restriction of the rights guaranteed by law, deconstruction of education, censorship

Palavras-chave modos de vida; resistência; colaboração; cerâmica; arte/educação; comunidade quilombola.

Land symbology in resistance processes: Quilombo de Conceição das Crioulas

Abstract

of art, and devaluation of culture by the current federal administration, it is sought to think through, in the light of Hannah Arendt (2001), the sense of co-labor-action in material production, based on experiences related to the making-living of ceramics in the quilombola community of Conceição das Crioulas, located in the central sertão of Pernambuco, Brazil. To do this, the research that results in this article works between the resistance movements related to the land and the feminine, according to the material imagination of Gaston Bachelard (2001), to grasp the effects of retroactivation of co-labor-action on community resistance, starting from the way how the quilombola community of Conceição das Crioulas shares its territory and drives its practices. By means of a phenomenological nature and a qualitative approach, this article is grounded in the accounts and registers of the experiences conducted within the period from July 2018 to June 2019 and in the narratives of masters and people from the locality. It is concluded that the idea of co-labor-action in the making-living of ceramics at the Quilombo de Conceição das Crioulas constitutes a sense of fissure in the exclusion and cooptation of material production by the hegemonic system, if this is thought as a political action.

Key words ways of life; resistance; collaboration; ceramics; art-education; quilombola community.

Simbología de la tierra en procesos de resistencia: Quilombo de Conceição das Crioulas

Resumen

En tiempos de restricción de los derechos garantizados por ley, deconstrucción de la educación, censura del arte y devaluación de la cultura por el gobierno federal actual, se busca reflexionar, a la luz de Hannah Arendt (2001), el sentido de la co-labor-acción en la producción material, con base en vivencias relacionadas con el hacer-vivir de la cerámica en la comunidad quilombola de Conceição das Crioulas, ubicada en el sertão central de Pernambuco, Brasil. Para esto, la investigación que resulta en este artículo transita entre los movimientos de resistencia relacionados con la tierra y lo femenino, según la imaginación material de Gaston Bachelard (2001), para comprender los efectos de retroactivación de la co-labor-acción en la resistencia de la comunidad, partiendo del modo como la comunidad quilombola de Conceição das Crioulas comparte su territorio e impulsa sus prácticas. De carácter fenomenológico y abordaje cualitativo, este artículo se fundamenta en relatos y registros de las vivencias realizadas en el período de julio de 2018 a junio de 2019 y en las narrativas de maestros y personas de la localidad. Se concluye que la idea de co-labor-acción en el hacer-vivir de la cerámica del Quilombo de Conceição das Crioulas constituye un sentido de fisura en la exclusión y cooptación de la producción material por parte del sistema hegemónico, si pensada como una acción política.

Palabras clave modos de vida; resistencia; colaboración; cerámica; arte-educación; comunidad quilombola.

Symbologie de la terre dans les processus de résistance: Quilombo de Conceição das Crioulas

Résumé

En ces temps de restriction des droits garantis par la loi, de déconstruction de l'éducation, de censure de l'art et de dévaluation de la culture par le gouvernement fédéral actuel, on cherche à refléter, à la lumière de Hannah Arendt (2001), le sens de co-labeur-action dans la production matériel, basé sur des expériences liées au faire-vivre de la céramique dans la communauté quilombola de Conceição das Crioulas, située dans le sertão central de Pernambuco, Brésil. Pour ce faire, la recherche qui aboutit à cet article transite entre les mouvements de résistance liés à la terre et au féminin, selon l'imagination matérielle de Gaston Bachelard (2001), afin de comprendre les effets de rétroactivation de la co-labeur-action sur la résistance de la communauté, à commencer par la manière dont la communauté quilombola de Conceição das Crioulas partage son territoire et déplace ses pratiques. Doté d'un caractère phénoménologique et d'une approche qualitative, cet article est basé sur les rapports et enregistrements des expériences réalisées de juillet 2018 à juin 2019 et sur les récits de maîtres et de habitants de la localité. Il est conclu que l'idée de co-labeur-action au faire-vivre de la céramique du Quilombo de Conceição das Crioulas constitue un sens de fissure dans l'exclusion et la cooptation de la production matérielle par le système hégémonique, si elle est pensée comme une action politique.

Mots-clés modes de vie; résistance; collaboration; céramique; art-éducation; communauté quilombola.

Introdução

O domínio da terra, por meio da agricultura, permitiu que os grupos humanos/culturais se organizassem e fixassem moradia, criando e aprimorando seus conhecimentos técnicos, suas ferramentas e seus processos de produção agrícola e de ciências da terra.

Simbolicamente, por meio da imaginação material¹, os grupos culturais percebem a terra como matéria de conquista, bem como matéria de realizações da vontade, traduzidas em fatura/alimento e em objetos de uso – a exemplo da cerâmica.

Para muitos povos, a terra constitui a base da relação cultural, política, social e econômica; dentre eles se encontra a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, situada no 2º Distrito de Salgueiro-PE, a cerca de 550 km de Recife.

Remontando à história oral (Rodrigues, 2017) sobre a origem de Conceição das Crioulas, as contadoras de história narram que, em meados do século XVIII, 6 negras fixaram moradia em terras do sertão central de Pernambuco e inauguraram um processo de luta e resistência que se estende até o momento atual, marcado pela conquista de suas terras e pelo enfrentamento na demarcação e titulação delas.

Mendencha Ferreira, Francisca Ferreira, Francisca Presidente, Francisca Macário, Germana Ferreira e Romana são os nomes dessas guerreiras que demarcaram seu lugar no mundo e constituíram seu modo de fazer: resistir vivendo e produzir com as mãos.

O nome da comunidade foi uma homenagem a Nossa Senhora da Conceição – a quem foi devotada uma promessa:

O mais presente nas narrativas de seus descendente[s] é qu[e] aquelas mulheres plantavam e fiavam algodão e iam vender na cidade de Flores (PE). Com isso[,] conseguiram comprar três léguas em quadra de terra². Relatam também que[,] fugindo de uma guerra, se juntou a ela[s] um homem negro, chamado Francisco José de Sá, que trazia consigo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Diante das dificuldades enfrentadas e do desejo de liberdade, juntos fizeram a promessa de que se não fossem encontrado/as e conseguissem se tornar dono/as deste território, doariam um pedaço de terra onde construiriam uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição e a comunidade se chamaria Conceição das Crioulas (Rodrigues, 2017, pp. 16-17).

Daquele período para o tempo presente, significativos avanços foram obtidos nas batalhas do povo quilombola, como, por exemplo: a) no sentido de seu reconhecimento pelo governo federal e suas políticas públicas; b) na demarcação das terras e reapropriação de outras terras que haviam sido tomadas por fazendeiros; c) na aquisição das escolas da comunidade; e d) na inclusão de uma pedagogia própria³ em seu plano pedagógico. Entretanto, permanecem na luta diante de silenciamentos, conflitos armados, invasões de terra, continuidade das ameaças, invisibilizações, repressões, discriminação e violências sofridas pela comunidade.

Atualmente, combate-se os retrocessos nos direitos constitucionais adquiridos: direito à terra; direito à vida; direito à história; direito à cultura; direito à educação; e direito ao território protegido. Em uma leitura mais ampla, a própria política brasileira constitui a problemática no caso das políticas sociais. Em outro sentido, os avanços seguem a passos lentos e configuram mecanismos eleitorais ao invés de ser resolutivos e, nessa ordem, questões-chave, como a da terra dos povos tradicionais – indígenas e quilombolas –, ficam à mercê dos desmandos e da vontade de quem assume o poder. Esse fato resultou na atual desconstrução das condições já alcançadas.

Conceição das Crioulas é conhecida pelo legado de lutas que travou em mais de 300 anos de história no Brasil, na reivindicação de seus direitos como povo tradicional⁴, e por manter o espírito guerreiro na luta por seu território, sua vida e sua liberdade, além da educação de seus descendentes, com o repasse de suas tradições.

2 “Em 1998 Conceição das Crioulas foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares e no ano 2000 a FCP tituló uma área de 16.865 hectares à comunidade” (Carvalho, 2016, p.11).

3 Vem sendo construída em Conceição das Crioulas uma pedagogia própria da comunidade, relacionada às questões simbólicas e culturais, denominada *Pedagogia Crioula*. Segundo a mestra Márcia Jucilene do Nascimento (2017, p. 111), “a pedagogia crioula, termo criado nas oficinas de revisitação do PPP, se desenvolve embasada no pensamento de uma educação escolar que se firma no fortalecimento da história e da identidade do povo de Conceição das Crioulas”.

4 O art. 1º do Decreto n. 6.040 (2007) dispõe que: “fica instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT, na forma do Anexo a este Decreto”.

Essa terra, transformada em território⁵, virou um símbolo quilombola, reconhecido por sua produção cultural, principalmente as bonecas de fibra do caroá⁶, que homenageiam as mulheres líderes da comunidade⁷, e os utensílios de mesa de cerâmica tradicional, que remontam aos fazeres-saberes e fortalecem a tradição.

Da terra ao território, a pesquisa que resulta neste artigo transita entre o privado e o público, o individual e o coletivo, o profano e o sagrado diante das vivências com a terra, mais precisamente no trabalho com o barro e a cerâmica, apresentando e aprendendo com o modo como a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas partilha seu território e movimenta suas práticas.

Assim, este artigo é uma introdução à questão da identidade e da organização ética/estética dos modos de vida pelo território e pelos fazeres da comunidade, especificamente os ligados à cerâmica, buscando compreender ou lançar questões sobre o modo como os sujeitos agem coletivamente ou, ainda, como ocorre a ação no sentido de uma arte/educação politicamente inscrita.

É a partir do valor simbólico da terra, território de luta, de fazeres e saberes, de arte e educação, que pretendemos caminhar e partilhar as trocas vivenciadas com a cerâmica na comunidade. Desse modo, o artigo trata dos modos do fazer-viver, lançando um olhar atualizado sobre as relações do labor-trabalho-ação⁸, discutidas por Hannah Arendt (2001), quanto ao seu questionamento inicial:

- O que estamos fazendo?

Com isso, refletimos acerca da movimentação e transformação da comunidade junto às mulheres-artistas-artesãs que lideram todo o processo.

Este estudo empírico faz parte de uma compilação de vivências fundamentada em relatos e nas narrativas de mestras, mestres, professores, estudantes e pessoas da comunidade, em registros fotográficos e em vídeos, bem como na revisão de dissertações

5 Apenas a partir de 2000 a comunidade conseguiu o primeiro título expedido pela Fundação Palmares sobre uma fazenda localizada em suas terras – antes demarcadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), mas só recebeu o título de posse definitiva 12 anos depois.

6 O caroá (*Neoglaziovia variegata*), também denominado *coroatá* ou *gravatá*, é uma planta terrestre ou saxícola, da família das bromeliáceas, nativa do Nordeste do Brasil; suas folhas, dispostas em rosetas, fornecem longas fibras de grande resistência e durabilidade.

7 Segundo a mestra Givânia Maria da Silva (2012, p. 159), “a escolha das lideranças femininas para representar a comunidade ou contar a história se deu por meio de discussão e tendo como base o papel de cada mulher no processo de organização da comunidade. Cada uma das personagens ocupa ou ocupou um lugar importante na comunidade, nas mais variadas funções: benzedoras, parteiras, artesãs, professora[s], catequista[s] e animadora[s] da comunidade e uma das mulheres do grupo original (Francisca Ferreira), que[,] segundo a história oral, tinha [a] função específica de liderar a ocupação e conquista do território de Conceição das Crioulas e compõe esse conjunto de mulheres que falam para dentro e fora da comunidade por meio de suas histórias”.

8 Há uma atualização dos termos da classificação *labor – trabalho – ação* para *labor/trabalho – obra/fabricação – ação*, a partir da revisão de 2010 da obra *A condição humana* (Arendt, 2001), por se entender que havia diferentes compreensões sobre o significado de labor por causa da tradução. Entretanto, vou utilizar esses termos com base na primeira classificação, publicada em Arendt (2001).

de mestrado de mulheres da comunidade que participaram das ações decorrentes das visitas nos últimos 12 meses: em julho e novembro de 2018 e em janeiro, fevereiro e junho de 2019.

Com base no exposto, vale destacar a contradição pessoal de uma das autoras deste artigo, que é desenhista industrial (*designer*), originária do processo industrial e da produção de massa/de mercadorias, que carrega no nome de sua profissão uma hostilidade às práticas tradicionais de produção. Desse modo, uma tensão inicial (ética-estética-relacional) se coloca no campo de pesquisa e precisamos desconfiar dela constantemente ao nos relacionarmos com os grupos, conscientes desse choque/desequilíbrio. Portanto, a pesquisa se torna uma oportunidade para refletir sobre o significado de estar com o outro, de repensar nossas in-pressões e experiências a partir das trocas e vivências em grupos e comunidades que produzem artesanato; de desvendar como essas relações nos pressionaram/tocaram/modelaram nossa essência, nossas verdades, e como buscamos compreendê-las e agir.

Neste artigo, buscamos:

- a) Explicitar tessituras coletivas dos modos de vida de Conceição das Crioulas a partir da cerâmica; e
- b) Reforçar como o estar junto e compartilhar vidas em seu cotidiano pode ser ou é um o ato transgressor do arte/educar, diante de práticas e contextos individualizantes e mercantilizadores.

Para tanto, discutimos, a partir de Gaston Bachelard (2001), a resistência na imaginação material da terra como elemento-chave e metáfora da luta pelo território, bem como a cooperação dos outros elementos – água, ar e fogo – na relação da comunidade com a cerâmica. Associada à imaginação em Bachelard (2001), observamos a prática da resistência na produção material cerâmica à luz de Hannah Arendt (2001), discutindo os significados da co-labor-ação em um trabalho coletivo e público vivenciado em dois momentos específicos: a) na retirada de barro do barreiro, em janeiro de 2019; e b) na construção do forno e na queima das peças, em junho de 2019.

A resistência na imaginação material da terra

A cerâmica, o corpo, a massa, o barreiro, o forno são exemplos de imagens que compõem as relações e tradições da comunidade de Conceição das Crioulas e que, para o teórico Gilbert Durand, criador da Teoria do Imaginário, fazem parte de um museu de imagens (do passado, do presente e do futuro) culturalmente produzidas.

Essas imagens emergem por meio da redundância e da frequência de suas aparições, presentes nas falas/conversas, nos gestos, nos registros fotográficos/vídeos etc. É a partir

da emergência de cada imagem, de como ela se manifesta e se combina às outras, que discutimos a organização simbólica da comunidade quanto à resistência em Conceição das Crioulas, desencadeada pela imaginação material da terra no período de julho de 2018 a junho de 2019.

A terra: corpo – coletivo – feminino

Estar na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas é vivenciar coletivamente a ressignificação das mulheres fundadoras e das mulheres mantenedoras desse território. É reavivar as marcas, as histórias, as vidas de cada Francisca, de cada Maria, de cada mãe, tia, avó que está incutida no imaginário crioulo. Elas estão presentes nas falas dos jovens e são referências importantes em suas relações de vida.

Igualmente, viver a comunidade é ter uma experiência com a terra no sertão, fortemente marcada na narrativa de origem da comunidade. A terra, diante dos outros elementos da natureza, é um corpo sólido e tem a resistência como sua primeira característica. Em Bachelard (2001, p. 15), “duro e mole são os primeiros qualificativos recebidos pela resistência da matéria, a primeira existência dinâmica do mundo resistente”. Nesse sentido, uma tensão reside no modo como insistimos e reunimos forças para suportar/superar a dureza de uma matéria resistente. A imaginação material assume grande relevância no con-tato de uns com os outros e permite experienciar o r-existir mútuo.

Em Conceição das Crioulas, a dureza é combatida com a firmeza dos corpos, em coletividade, em movimentos repetitivos e contínuos, que pouco a pouco vão tomando forma segundo a vontade de todos.

Podemos falar, aqui, de uma teima que alimenta/anima a luta, por ser a coisa a fazer; e ativa um tempo, um esforço dedicado ao combate, ao trabalho, mas também, ao repouso – a recuperar/rearranjar as forças e as estratégias de luta.

Como exemplo, a comunidade se organiza em grupos que cuidam de assuntos específicos – como a questão da terra, da educação – e que, de tempos em tempos, são reorganizados. Essa reorganização por alternância (volver o terreno) das pessoas/lideranças, entre os grupos, pode ter o sentido de não sobrecarregar ou “desgastar” os que estão à frente da luta/ação, como também de conferir fôlego novo às perspectivas de cada grupo ou, ainda, preservar as vidas das lideranças para que não sejam alvo nos conflitos.

Essa ambivalência entre movimento e repouso se configura como estratégia de resistência (cultural/política/artística/educativa).

Podemos observar nas relações entre resistências e vontades que as matérias trabalhadas pelas mãos das mestras e dos mestres da cerâmica da comunidade também fornecem pistas de um fazer resistente:

1) Pela relação de forças entre membros diferentes

Onde, na relação com o torno, atuam as forças da gravidade, de ascendência, centrípeta e centrífuga na olaria; ou pelas misturas de diferentes tipos de argila, onde se conferem resistências diferentes à cerâmica; ou, ainda, pelas partes do corpo físico, como as mãos, cujas habilidades entre a direita e a esquerda são diferentes; na pluralidade dos sujeitos, que percebem e atuam de modos distintos.

2) Pela superação da intimidade em conflito com a exterioridade

Quando, em uma decisão, o sujeito declina de sua vontade pessoal em detrimento do grupo e entra em acordo.

3) Pela resignificação e retorno ao refúgio a cada criação

Quando esse retorno à narrativa mítica fundante⁹ valida ou reforça e atualiza o momento que se instaura, ou melhor, a cada pote, panela e prato, é guardião da memória/ancestralidade crioula.

Nesse primeiro conjunto de imagens, a dureza, o combate, o movimento, o repouso, o fazer com as mãos configuram valores intrínsecos à resistência da terra e à ação das pessoas em Conceição das Crioulas.

A água masculina

Outra relação com a resistência pode ser produzida por uma espécie de cooperação tensionada entre a terra e a água, “conforme a água abranda a terra ou a terra confere à água a sua consistência” (Bachelard, 2001, p. 61), transformando-a em massa (Bachelard, 2013).

A água, elemento de vida, é escassa em Conceição das Crioulas. O clima semiárido, com poucas chuvas, torna a comunidade refém do descaso governamental: as pessoas são dependentes do abastecimento por carros-pipa.

O açude da comunidade, quando tem água, é salobre – tem excesso de sal, ou seja, precisa ser tratada para consumo.

Nas práticas religiosas afrodescendentes, Nossa Senhora da Conceição, padroeira da comunidade, é sincretizada com Iemanjá, orixá feminino ligado às águas salgadas. Ela é “representada nas imagens com o aspecto de uma matrona, de seios volumosos, símbolo de maternidade fecunda e nutritiva” (Verger, 2002, p. 68). Mesmo em aparente contradição, Conceição das Crioulas soube (se) alimentar (d)os nutrientes de seu meio, de sua riqueza natural, social, arte/educativa.

9 A narrativa mítica é um conjunto de imagens universais (arquetípicas) que equaciona questões existenciais: quem sou? (mito identitário); de onde venho? (mito de origem); para onde vou? (mito escatológico). O mito é aquele que orienta as relações existentes de determinado grupo, no tempo e espaço, “sob a ação transformadora e dinâmica das situações sociais” (Pitta, 2017, p. 21). É importante ressaltar que o mito ordenador é constituído na cultura e pela cultura, portanto, define-se pelas heranças culturais desse grupo.

O sal vira pedra, cristaliza-se na ausência da água e incorpora-se à terra. O elemento de vida também é elemento de morte (Bachelard, 2013). O corpo é o primeiro a sentir a secura do tempo. Um corpo seco, sem água, fica frágil, sem liga, sem vida.

Assim como a terra, o acesso à água faz parte da luta quilombola. Dela depende a sobrevivência da comunidade, de sua agricultura e da arte cerâmica.

Na imaginação material, tanto a água quanto a terra são elementos femininos. Contudo, na dinâmica material da massa, a água se masculiniza para penetrar/fecundar a terra. Essa relação apresenta, na combinação da terra com a água, o poder das mãos. São elas que medeiam a mistura, estabelecem um acordo entre os elementos ao apertar um contra o outro ou entre as mãos ou ao apertar as mãos.

Há uma maneira de pressionar a massa, assim como de apertar as mãos.

Segundo Bachelard (2013, p. 109):

Quando se conseguiu fazer penetrar realmente a água na própria substância da terra esmagada, [...] então começa a experiência da “ligação”, o longo sonho da “ligação”. Esse poder de ligar substantivamente, pela comunhão de vínculos íntimos, o operário, sonhando sua tarefa, atribui-o ora à terra, ora à água. Com efeito, em muitos inconscientes, a água é amada pela sua viscosidade. A experiência do viscoso reúne imagens orgânicas numerosas: elas ocupam incessantemente o trabalhador em sua longa paciência de amassadura.

O ato de amassar o barro é uma etapa onde o tato trabalha melhor do que a visão. Por vezes, esse fazer é delegado a poucas pessoas que sabem dar à massa a consistência almejada para o trabalho do ceramista/oleiro, pois exige uma sensibilidade de aproximação, de força/pressão, de ação corpórea com o intuito de produzir coesão à massa; de produzir a união dos corpos/elementos.

Do mesmo modo que o gesto de juntar/amassar os elementos produz a liga, o ato de juntar as mãos confere união aos corpos, produz a coletividade. E esse papel é realizado pelas mulheres:

Vale ressaltar que o protagonismo feminino é uma marca importante em todo o processo histórico da comunidade de Conceição das Crioulas. Historicamente, as principais iniciativas de lutas e resistências são reconhecidamente lideradas por mulheres. Ressalta-se também que, durante os períodos de guerras na comunidade, homens e mulheres desempenhavam papéis distintos, porém[,] com relevância singular, pois não se tratava de hierarquia, mas sim, de uma complementariedade (Rodrigues, 2017, p. 22).

Em Conceição das Crioulas, o feminino prepondera, quando se fala em movimentar o coletivo, e o masculino coopera (a terra recebe a água).

São as mulheres que caminham de mãos dadas com a comunidade, levam a comunidade pelas mãos. Elas carregam a água, a terra, a massa, a luta. Elas (se) preenchem seu tempo com ações. Seus corpos, altivos e curvados pela caminhada, recebem/abarcam outros corpos, os filhos – seus descendentes – e até outros filhos (outras lutas – reúnem-se a outros povos de fora da comunidade). Alimentam a comunidade com seus sonhos, fazeres-saberes, com suas histórias, em um processo de contínua (auto)construção/educação e crítica. Alimentam a brasa viva, que são as terras sertanejas.

Ardências singulares

A massa – terra e água – tem no fogo uma relação com o tempo. Tanto o tempo de secagem – onde o ar seco do semiárido coopera – como o tempo determinado de cozimento. Segundo Bachelard (2001, p. 69), “é o tempo que vem individualizar fortemente a matéria”. Ele não só garante o cozimento, mas a resistência.

Esse tempo é claramente observado por meio do movimento de singularização da comunidade, na construção de seus sabores, seus valores e suas conquistas, e na transformação dos fragmentos e das fraturas, feridas e dores em experiência – como uma memória material. É uma forma do saber-viver, uma espécie de espera em movimento.

A massa precisa suportar o movimento – a agitação das moléculas – que vem com o calor do fogo, para não produzir angústia, mas sua própria ardência e ficar tonalizada pelo combate (Bachelard, 2001).

A resistência se produz resistindo. E é esse movimento cíclico, de autoprodução, que a comunidade vive em seu cotidiano, resistindo ao sol, ao calor, à falta de água, às disputas internas da comunidade, às questões familiares. Resistindo às pressões dos fazendeiros, governos, aos preconceitos e às discriminações.

Mulheres/homens, professoras/es, mestras/es crioulenses fazem/vivem/resistem repetindo as histórias/memórias para as crianças e jovens, criando cerâmicas, bonecas, sua cultura material. Resistem porque há chama, ardência no que fazem, na forma como cada um, fonte de calor, coopera para esquentar o seio da comunidade:

No centro estão os germes; no centro está o fogo que engendra. O que germina, arde. O que arde, germina (Bachelard, 2008, p. 62).

Resistem porque se reconhecem *terra*.

Da preparação à queima, nenhuma etapa pode ser apressada. Respeita-se o ritmo do outro, da massa, do fogo. O tempo lento (do lugar) permite parar, experimentar. A massa, um dia mole e plástica, transforma-se.

O fogo que aquece/esquenta também enrijece e fixa:

O que nasceu na água acaba-se no fogo (Bachelard, 2001, p. 75).

Enquanto o corpo/massa pode ser modelado, ele significa movimento/vida; um corpo rígido encerra em si a possibilidade de criação. Ele é o que os gestos/ações produziram.

O *krónos*, na imagem do fogo, age, por um lado, tornando a comunidade mais experiente, na medida em que se relaciona (é aquecida) com seu meio; mas, por outro lado, determina, a cada geração, uma duração para agir, um limite (de vida) para tocar a geração futura.

As falas das lideranças da comunidade traziam consigo a necessidade e a preocupação de agir, enquanto ainda tinham tempo (estavam aquecidas), para que os jovens se engajassem mais fortemente nas causas quilombolas, assim como nas práticas culturais. Comentavam que seu tempo – o frescor da vida – já estava chegando ao fim.

A cerâmica como elemento de resistência

Nós partilhamos alguns momentos da vida comunitária de Conceição das Crioulas em julho e novembro de 2018 e em janeiro, fevereiro e junho de 2019. Estivemos na comunidade para conhecer a produção cerâmica, que, ouvimos dizer, estava em declínio. Ouvimos pessoas/lideranças/jovens da comunidade e constatamos que enfrentavam dificuldades relativas à aquisição e queima do barro.

Este artigo se atém a dois momentos específicos, em janeiro e junho de 2019, respectivamente: a) a retirada de barro no barreiro; e b) a construção do forno coletivo e a queima das peças

O barreiro

Nós fomos a Conceição das Crioulas em janeiro de 2019, a fim de conhecer o barreiro do Sítio Paula e a forma como o grupo que trabalha com a cerâmica na comunidade retira o barro. O Sítio Paula, foi a última fazenda reintegrada ao território, em 2012, e localiza-se a cerca de 6 km do centro de Salgueiro.

Previamente, a mestra MLS¹⁰ organizou nossa visita: agendou o carro com a pessoa que ajudaria na retirada e no transporte do barro e avisou aos demais ceramistas que aqueles que precisassem do insumo poderiam aproveitar a viagem.

Conta a mestra MLS que, antes de ser incorporada ao território, ninguém podia pegar barro de seu barreiro. Ela relembrou, com pesar, a época em que todos sabiam que a terra pertencia ao quilombo, mas que o fazendeiro não permitia a entrada para a retirada do barro. Então, ela se sentia impotente por não poder tocar a terra que lhe pertencia, que ficava do outro lado da cerca. Fatos como esse poderiam ter levado à desarticulação e ao desestímulo à produção de cerâmica. Pudemos compreender a dificuldade e apatia que se instalou no contexto da prática. E a mestra MLS completa:

[...] hoje, não é simplesmente um barro [...] é todo um processo [...] sair para pegar o barro ali, é todo um ritual.

Essa conversa marca como as dificuldades constroem significações que atuam para a coesão dessa comunidade. Ela podia comprar o barro, como fazem tantas outras localidades que não dispõem de barreiro, mas isso é significativo, ou mais, é vital para que todos trabalhem a própria terra.

Reflico sobre quantas situações, constrangimentos, enfrentamentos foram necessários para, finalmente, a comunidade reaver aquela terra, aquele barro. Quanto tempo a comunidade resistiu a essa tensão e como esse tempo reafirmou a comunidade a cada vitória, mesmo que com um desgaste natural, uma fadiga, que não a fez esmorecer.

Chegamos (Figura 1-2) ao sítio em 6 pessoas: a mestra MLS, o pai da mestra MLS, um professor, uma professora da comunidade e duas autoras deste artigo. E, no decorrer do tempo, outras pessoas foram aparecendo – vale destacar a mestra MS e o carro responsável por transportar as sacas de barro, com mais 2 pessoas.

10 Para preservar a identidade dos participantes, eles são apresentados com nomes fictícios ao longo do texto.

Figuras 1-2 Chegada ao Sítio Paula, onde está situado o barreiro da comunidade



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

O barreiro era um pequeno e raso buraco no chão. Penduradas as sacolas que continham água e um pouco de comida, a mestra MLS e o professor começaram a cavar com uma pá e uma picareta.

A terra, seca, dura e com muitas pedras em sua superfície, era difícil de penetrar. A resistência do solo fez soltar a picareta do cabo. Após algum tempo, o professor a recolocou no lugar e voltaram a cavar. Uma poeira avermelhada subia com o vento. O sol das nove horas parecia o sol do meio dia de Recife, em intensidade e calor. O som seco da batida do metal no solo duro e do espalhar das pedras completavam a aridez da cena.

Quem não estava trabalhando espreitava, à beira do barreiro ou em alguma sombra próxima. Por alguns instantes, aqueles que trabalhavam faziam uma parada para descansar e beber água e conversávamos um pouco. Por vezes, eles também se revezavam na enxada:

[...] não é um trabalho ruim, mas não é para todo mundo. (Mestra MLS)

Na medida em que se foi ampliando o barreiro (Figura 3), para os lados, por causa de pedras que impediam a escavação, apareceram pedaços de barro. Em cada parada para limpeza, ampliação ou aprofundamento, todos que estavam ao redor entravam no barreiro para coletar os pedaços de barro. Acocoravam com sacos a seu lado, que preenchiam até ficar satisfeitos (Figura 4-5).

A experiência foi densa. Aquele buraco cravado no chão de terra – o barreiro – reunia a todos em seu (ventre) aberto e partilhava o que tinha de melhor – seu barro.

A partilha, a exemplo da (mãe) terra, também era feita entre as pessoas que coletavam os blocos de barro. Uma ceramista presente na coleta anunciou que preferia pegar os blocos menores e quem estava próximo contribuiu. Bastava anunciar para vir a colaboração:

O barro pra gente na comunidade é muito forte [...] que honra poder estar moldando, é uma dádiva [...] a cabeça fica a mil, o que eu posso criar agora, o que eu posso transformar? (Mestra MLS)

Figuras 3-5 Grupo cavando o barreiro e coletando o barro vermelho



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A vivência no barreiro explicitou a fecundidade da terra reverberada na alegria de poder partilhar o barro do Sítio Paula sem constrangimento e na ação educativa de comunicar as necessidades individuais ao coletivo e de orientarmo-nos para adentrar a atividade. Mostraram-nos como diferenciar os blocos de barro dos blocos de areia e, então, lançamo-nos dentro do barreiro com elas para coletar também. As dores, os dissabores, o cansaço, o constrangimento, tudo se ressignificou no acesso à terra e nas possibilidades que ela forneceu/fornece à comunidade:

[...] tem uma frase que diz assim, o caminho se faz ao caminhar, e esse caminho [...] os nossos ancestrais fizeram pra gente caminhar, tem tantas coisas que tem em nosso território, que tem valor [...] o território a gente não recebeu [...] foi conquistado, através do sangue, de ameaças, através de coisas que as pessoas mais velhas passaram e que hoje a gente passa [...] hoje eu sou ameaçada por conta do território. (Mestra MLS)

A compreensão da luta e o valor da terra – território – faz dela vida e, também, morte. As ameaças são uma realidade para as lideranças. E, aqui, a compreensão do coletivo ultrapassa o individual. É uma condição herdada dos antepassados.

Não demorou muito para encherem as sacas e sacolas. Depois de um copo de água fria da jarra de barro, retornamos ao carro e ao centro, todos abastecidos da terra.

O forno

Na primeira semana de junho de 2019, acompanhamos o ceramista Mestre Valdik, de Tracunhaém-PE em viagem a Conceição das Crioulas, a fim de construir, junto com a comunidade, um forno (Figura 6) para queima da cerâmica no Centro de Produção Artesanal (CPA). Esse forno coletivo vinha sendo cogitado na comunidade desde novembro de 2018 e discutia-se onde colocá-lo – na escola ou no CPA?

Figura 6 O forno



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Em visitas anteriores, nós fomos às casas de algumas ceramistas conhecidas para conversar. As residências que visitamos estavam com seus fornos quebrados, assim como o do CPA. Esse fato desanimava, esfriava os ânimos. As ceramistas não queimavam mais suas peças e, para não acumulá-las, pararam de produzir. Outra questão eram seus formatos. Os fornos eram retangulares, inclusive o do CPA, dificultando a queima pela má circulação do calor.

Entre abril e junho de 2019, várias pessoas (amigas, parceiras que conheciam Conceição das Crioulas) se mobilizaram, sensibilizadas pela causa da comunidade, e contribuíram financeiramente para a construção de um forno coletivo. Tratou-se de importante etapa de contágio pelo movimento de partilha, evidenciando a força do fazer coletivo nas causas comunitárias.

Paralelamente, em Conceição das Crioulas, as mestras ceramistas avisaram a todos os interessados para que pudessem participar da construção. Vale notar que a ação e a comunicação foram realizadas pelas ceramistas-mulheres-líderes da comunidade. Convidaram ceramistas, professores e estudantes. No dia anterior à construção do forno,

uma professora organizou com sua turma de jovens do Programa Avançar, da Escola Professor José Mendes, todos os insumos necessários à obra e eles transportaram os tijolos até o local onde o forno seria erguido. Também retiraram barro do barreiro, junto com as mestras locais, e o beneficiaram para depois modelar, em uma aula de cerâmica realizada no CPA.

Nesse sentido, a construção do forno desencadeou outras atividades arte/educativas. Isso possibilitou a divisão de tarefas e custos e a solidariedade de uns com outros e proporcionou a organização do grupo de ceramistas e do espaço de produção.

No dia combinado (4 de junho de 2019), nós reunimos os presentes em um círculo para uma conversa de apresentações e agradecimentos (Figura 7-9), antes da construção se iniciar. Mostrou-se importante conhecer as histórias dos 6 ceramistas presentes, seus interesses e suas aproximações nos processos de vida. E os estudantes falaram de suas expectativas tanto em relação à cerâmica quanto a outras áreas de conhecimento.

Figuras 7-9 Reunião antes da construção do forno no Centro de Produção Artesanal



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Para a surpresa de todas as mestras e os mestres presentes, o último estudante a se apresentar foi categórico ao afirmar que estava ali para aprender e que ele seria um futuro mestre ceramista. Esse jovem de 15 anos de idade, com ar curioso e compenetrado, aproveitou todo o tempo junto às mestras e colaborou muito na preparação da massa do forno. Em uma conversa informal, ele disse que conhece mais uma jovem do Sítio Paula que gosta de fazer peças em barro e outros dois jovens de sítios vizinhos. Durante os intervalos, ele se sentava junto à Mestra VS, para aprender a modelar.

Partindo para a construção, demarcou-se o local nas proximidades do antigo forno e começaram os trabalhos.

Enquanto o Mestre Valdik orientava os ceramistas na execução (Figura 10-12), a professora propôs que os estudantes organizassem uma espécie de plateia em meia-lua, para que todos pudessem acompanhar. Em momentos específicos, guiados pelo Mestre Valdik, a professora também solicitava a colaboração do grupo em algumas tarefas: aproximar os tijolos para facilitar o acesso; produzir mais massa, que serviria de rejunte e

acabamento; e pegar água para fazer a mistura da massa. Enfim, ela distribuiu atividades – em um trabalho educativo e solidário, onde todos eram convidados a estar presentes na ação e a participar das etapas. Feito o convite, cada estudante escolhia se faria algo ou se ficaria apenas observando.

Figuras 10-12 Construção do forno em execução



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

É importante observar como a postura da professora reverberou nos estudantes: imediatamente depois que ela falou, eles se entreolharam para definir quem ia ou quem não estava com vontade. Após alguns risos e uma rápida conversa, um dos estudantes levantou e os demais o acompanharam.

Durante toda a construção, o Mestre ZV e a Mestra MLS acompanharam, trocaram ideias, fizeram perguntas ao Mestre Valdik, de acordo com suas curiosidades. A construção iniciada no início da manhã perdurou até quase o final da tarde.

Durante o almoço, no CPA, conversamos sobre a possibilidade de queimar peças no dia seguinte como um primeiro teste. Todas as mestras e os mestres toparam e ficaram de levar os produtos no final da manhã, pois ainda tinham de pegar a lenha para fazer o fogo.

No dia seguinte, experimentamos queimar as peças e inaugurar o forno coletivo do CPA. Foi um momento de grande emoção ver as mestras e os mestres trazendo seus produtos que, aos poucos, preencheram o forno.

Enquanto o fogo queimava as peças, a conversa esquentava entre os ceramistas: trocaram ideias e informações sobre o fogo, a pintura natural e a cor das peças, além da manutenção do forno. Enfim, discutiram detalhes, contaram histórias, sorriram, aqueciam e firmavam seus laços.

Antes que pudéssemos ver os resultados daqueles dois dias de intenso trabalho, tivemos de retornar e as mestras e os mestres ficaram de desenformar (Figura 13-14) no dia que se seguiu à queima. Depois, soubemos que houve 100% de aproveitamento e todas as peças foram cozidas com perfeição, sem manchas ou quebras.

Figuras 13-14 Desenformada



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A construção do forno, enfim concluída, propõe-se a aquecer e alimentar a comunidade retroativamente. Vem a colaborar com os processos de resistência da cerâmica em Conceição das Crioulas.

A co-labor-ação na produção material

A aridez do sertão nordestino é uma boa imagem para pensar a resistência em Conceição das Crioulas, pois enfrentá-la envolve: a) ações coletivas; b) apoio mútuo; e c) educação compartilhada e aberta à comunidade, ativa, pública. Buscam-se ressignificações de histórias pessoais e memórias por meio da produção artística, de uma tradição que dialoga com o tempo e um movimento educativo de viver esse território coletivo, com inclusão das singularidades, discutindo as diferenças/divergências, refletindo conjuntamente sobre o que se quer fazer e como se quer viver.

O fazer cerâmico, em si, tem uma atmosfera intimista e individualizante, principalmente se observamos o trabalho do oleiro, pelas próprias condições operativas do torno. Entretanto, em Conceição das Crioulas, as peças são levantadas com as mãos, conferindo maior mobilidade aos corpos para atuar, para ir ao encontro do outro.

A vida simples do quilombo propõe uma volta no tempo, no que diz respeito às formas de fazer, para tratar e atualizar o significado, para a produção artesanal, de um termo cooptado e bastante utilizado, hoje, no mundo do trabalho neoliberal: a colaboração.

A ideia de labor, na antiguidade, “significava ser escravizado pelas necessidades, escravidão esta inerente às condições da vida humana” (Arendt, 2001, p. 109). Simbolizava a dor, a pobreza, a fadiga, o esforço do (e para o) corpo motivado/movimentado pela premência de sustentar/alimentar a própria (existência) vida. Esse fato que implicava a condição/ação de (auto)produção e de (auto)consumo, retroativamente, isto é, de produzir o que precisa consumir e de consumir o que produz.

Podemos dizer que o labor, ao ser transformado em trabalho pela sociedade industrial, marcado por divisão de tarefas, produtividade, utilitarismo e consumo e por (ab)uso da natureza e massificação das culturas, potencializou nossa fragilidade de sobrevivência/existência pelo esgotamento do planeta.

Entretanto, ao observar a “precariedade” da vida do artista/ceramista, compreendemos que, de alguma forma, ele continua estabelecendo uma relação com o labor (da antiguidade), pois sua atividade não produz excedentes, tampouco o torna escravo da produtividade do mercado. Com um olhar mais cuidadoso, arriscamos dizer que, mesmo sendo possível produzir objetos semelhantes (de revolução) por causa do torno, no caso da olaria, o artista/ceramista permanece ligado ao imediato, às suas necessidades de manutenção da vida (de tempo/ritmo particular), em oposição à reprodução seriada e à acumulação, que são os objetivos da lógica de mercado.

Nessa perspectiva, faz parte de uma visão utilitarista enquadrar os produtos artesanais, principalmente os da olaria – caracterizados por sua utilidade –, no mercado, como proposta “remediadora” dos problemas (gargalos eco-nômicos) que vivenciamos com a massificadora indústria de mercadorias (plastificadas/pasteurizadas).

Assim, refletindo sobre os conceitos de labor e trabalho de Hannah Arendt (2001), entendemos que o *animal laborans* da produção artesanal – cerâmica/olaria –, ao resistir ao trabalho do *homo faber*, pode, nesse próprio ato, exercer uma condição política para outro entendimento do ser humano, da natureza e do produto (arte-fato), subvertendo a lógica de mercantilização dominante. Seguindo esse raciocínio, a ideia de co-labor-ação, tão atual, constitui um sentido de fissura na exclusão e cooptação da produção artesanal pelo sistema hegemônico, se pensada na produção artesanal (contemporânea) como ação política, com o intuito de desfazer o equívoco de que o trabalho envolve permanência, controle e uso do tempo (de vida), dos corpos (dóceis) para uma finalidade útil/utilitarista dos seres e da natureza.

A vida em Conceição das Crioulas é naturalmente co-labor-ativa. Lá, as pessoas:

- Compartilham seu território e convivem respeitando suas singularidades na pluralidade da região, que abriga etnias indígenas e afrodescendentes;
- Produzem seu alimento físico, artístico-estético;
- Educam suas crianças (todas estudam na comunidade); e

-
- Enfrentam a vida e os sobressaltos de modo solidário, seja diante dos problemas com a água ou da luta por suas terras.

Considerações finais

A breve caminhada por Conceição das Crioulas apresentada neste artigo nos faz refletir sobre os gestos (as gestações), mesmo os não pensados, realizados apenas na racionalidade dos corpos (de ceramistas, da comunidade, de estudantes, de professores), que acionaram um cruzamento de fronteiras, afetações do que aprendemos sobre quem somos e de como nosso corpo é feito no contato com o outro.

Vivenciar Conceição das Crioulas coloca em pauta “o que estamos fazendo” (Arendt, 2001, p. 13) de nossas vidas (cotidianas), de nossos corpos e afetos. Essa experiência nos leva a encarar nossas contradições e a refletir sobre o estranhamento que esse contato provocou/provoca, que sentimos em nossas entranhas: incomoda a luz – a claridade, sobriedade na simplicidade da vida; incomoda o sol quente – que aquece, cozinha os caldos, as massas, as relações; incomoda a terra irradiante – produtiva, cíclica, nutritiva em todas as suas fases e aspectos; incomoda a vegetação espinhosa – guardiã do frescor de sua intimidade, resistente à seca, às dificuldades, aos enfrentamentos e lutas; e incomoda a liberdade e o compartilhamento cortante daquele lugar.

A cerâmica que a comunidade produz, bem como suas demais práticas artísticas, está entranhada na vida das pessoas, reflete seus sonhos, concretiza suas lutas, ressignifica suas raízes e alarga seu (nosso) caminho, no sentido de (nos) apresentar outras formas de fazer e produzir. Ocorre na ação conjunta/coletiva, sendo um exercício de partilha, de escuta, que trilha objetivos comuns.

A produção artística de Conceição das Crioulas não se relaciona apenas com a técnica, com a fabricação de peças ou com a geração de renda, mas antes, realiza-se no plano do intelecto, da compreensão de suas relações de mundo e do aguçamento crítico sobre quem são e o que querem. Ou seja, reforça a luta pela reconstrução de sua identidade mediada por uma educação que ativa a interação entre os sujeitos e o meio/território. E, nesse sentido, busca romper (rompe) com uma racionalidade instrumental, historicamente construída, produzida por práticas colonizadoras do pensamento, do trabalho e dos sujeitos.

Referências bibliográficas

- Arendt, H. (2001). *A condição humana*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água.
- Bachelard, G. (2001). *A terra e os devaneios da vontade. Ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bachelard, G. (2008) *A psicanálise do fogo* (3a ed). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bachelard, G. (2013) *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria* (2a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Carvalho, M. L. A. (2016). *Quilombo de Conceição das Crioulas*. Belo Horizonte, MG: FAFICH.
- Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007*. (2007). Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF.
- Nascimento, M. J. (2017). *Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas-PE* (Dissertação de Mestrado). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Pitta, D. P. R. (2017). *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand* (2a ed.). Curitiba, PR: CRV.
- Rodrigues, M. D. S. (2017). *Política de nucleação de escolas: uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola* (Dissertação de Mestrado). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Silva, G. M. (2012). *Educação como processo da luta política: a experiência de "educação diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas* (Dissertação de Mestrado). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Verger, P. F. (2002). *Orixás*. Salvador, BA: Corrupio.

Para citar este artigo:

Norma A – ABNT

LIRA, F. W. P.; PAIVA, J. C.; AMARAL, M. V. N. Simbologia da terra nos processos de resistência: Quilombo de Conceição das Crioulas. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 9, n. 23, p. 198-219, 2019.

Norma B – APA

Lira, F. W. P., Paiva, J. C., & Amaral, M. V. N. (2019). Simbologia da terra nos processos de resistência: Quilombo de Conceição das Crioulas. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 9(23), 198-219.

Norma C – Vancouver

Lira FWP, Paiva JC, Amaral MVN. Simbologia da terra nos processos de resistência: Quilombo de Conceição das Crioulas. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado* [Internet]. 2019 [cited Ago 1, 2019];9(23):198-219. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1422>